

Os Primórdios da Auto-Expressão: A Fase das Garatujas, de 2 a 4 anos

IMPORTÂNCIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Os PRIMEIROS anos de vida são, provavelmente, os mais decisivos no desenvolvimento da criança. Durante esse período inicial, ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como ser, tudo o que irá ter reflexos em sua vida inteira. A arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem. Embora pensemos, geralmente, que a arte começa com o primeiro rabisco que a criança faz, num pedaço de papel, na realidade, principia muito mais cedo, quando os sentidos estabelecem o primeiro contato com o ambiente, e a criança reage a essas experiências sensoriais. Tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar, enfim, qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é, de fato, a base essencial para a produção de formas artísticas, quer se trate de nível infantil ou de artista profissional.

Embora a criança se exprima vocalmente muito cedo, seu primeiro registro permanente assume, com frequência, a forma de garatuja, por volta dos dezoito meses de idade. Esse primeiro rabisco é um importante passo no seu desenvolvimento, pois é o início da expressão que a conduzirá não só ao desenho e à pintura, mas também à palavra escrita. A forma como essas primeiras garatujas forem recebidas pode ter enorme importância em seu contínuo crescimento. É lamentável que a própria palavra "garatuja" tenha conotações negativas para os adultos. Esse vocábulo pode sugerir uma perda de tempo ou, então, ausência de conteúdo válido. Na realidade, a garatuja pode ser exatamente o oposto de tudo isso, pois o modo como se recebam esses primeiros rabiscos e a atenção que se lhes preste podem ser a causa de a criança pequena desenvolver atitudes que permanecerão nela, quando iniciar sua escolaridade formal.



Figura 37. Embora os primeiros traços que as crianças façam no papel possam não ter sentido algum para os adultos, essas garatujas são parte importante do desenvolvimento e devem ser encorajadas. O fato de a 'manipulação dos materiais artísticos já constituem, por si só, uma aprendizagem.

O DESENVOLVIMENTO DAS GARATUJAS

A tendência das garatujas é para seguirem uma ordem bastante previsível. Começam com traços desordenados, no papel, e, gradualmente, evoluem para desenhos que têm um conteúdo reconhecível pelos adultos. Entre as idades de dezoito meses e quatro anos, aproximadamente, quando aparece a primeira imagem visual, ocorre, então, extraordinário desenvolvimento. Por

consequente, não deixa de constituir surpresa que tão poucas pesquisas tenham sido realizadas, comparativamente, sobre essas primeiras tentativas de desenhar. De modo geral, as garatujas classificam-se em três categorias principais: as garatujas desordenadas, as garatujas controladas e as garatujas com atribuição de nomes.

Garatujas Desordenadas

Os primeiros traços são, geralmente, fortuitos, e a criança parece não se aperceber de que poderia fazer deles o que quisesse. Variam em comprimento e direção, embora possam repetir-se algumas vezes, à medida que a criança movimenta o braço para trás e para a frente. Além disso, ela pode estar olhando para outro lado, enquanto faz esses traços, e continua ainda garatujando. A qualidade do traço varia freqüente e consideravelmente, com alguns resultados acidentais. Um exemplo típico de garatuja desordenada está reproduzido na Figura 38. Vários métodos são usados para segurar o lápis ou o creiom. Este pode ser utilizado com quaisquer dos extremos virados para o papel, ou de lado; pode ser preso no punho ou entre os dedos apertados. O pulso e os dedos não são usados para controlar o instrumento de desenho. É importante compreender que a dimensão dos movimentos mostrados no papel está relacionada com o tamanho da criança. Se um adulto move seu braço para trás e para diante, pode descrever um arco de cerca de noventa centímetros a um metro; uma criança descreverá um arco de apenas trinta centímetros. Como as crianças, na idade das garatujas, ainda não desenvolveram um controle muscular perfeito, usualmente só os movimentos mais amplos serão repetidos. Convém recordar que a criança rabisca com o que para ela são grandes movimentos, se bem que para o adulto o resultado pareça ser em pequena escala.



Figura 38. Esta garatuja desordenada foi feita por uma criança de dois anos e meio. Observar como as linhas correm ao acaso, em todas as direções.

Uma criança de dois anos, por suas condições, não pode copiar um círculo, embora algumas crianças dessa idade sejam capazes de copiar uma linha. Com efeito, as garatujas não são tentativas de retratar o meio visual infantil. Em grande parte, os próprios rabiscos baseiam-se no desenvolvimento físico e psicológico da criança, não em alguma tentativa de representação. O modo acidental de distribuir as linhas que traça é, entretanto, um motivo de extremo prazer para a criança. Ela ficará fascinada com tal atividade e desfrutará desses traços tanto como movimentos quanto como registro de uma atividade cinestésica. É muito importante, para a criança, a oportunidade de garatujar. Algumas vezes, as garatujas serão feitas nas imundícies, nas paredes ou nos móveis, se os instrumentos e um lugar adequado não forem proporcionados ao trabalho criador infantil.

Alguns pais tentam descobrir, nos primeiros rabiscos, algo que possam reconhecer, ou então, um avô bem intencionado tratará de desenhar alguma coisa para que a criança copie. Enquanto a criança ainda se encontrar na fase da garatuja desordenada, fazer um desenho de algo "real" é inconcebível. Tais tentativas seriam como tentar ensinar a um bebê, que apenas balbucia, a pronunciar, corretamente, as palavras ou a usá-las em frases gramaticalmente certas. Seria também ridículo que um pai incentivador desenhasse uma figura rígida ou uma maçã. Tais

idéias impostas estão muito além da capacidade da criança, nesse nível de desenvolvimento, e podem ser nocivas ao seu futuro progresso. Contudo, o interesse pelo que a criancinha está fazendo é importante, porque ela precisa sentir que essa via de comunicação é aceitável.

Embora a criança nessa idade não tenha controle visual sobre suas garatujas, os pais devem considerar este fato uma indicação de que ela ainda não está pronta para desempenhar tarefas que requeiram um exato controle motor de seus movimentos. Ao comer, ainda sujará a roupa; terá problemas com seus botões ou com os cordões dos sapatos e não será capaz de seguir direções visuais. Enquanto a criança não tiver estabelecido controle visual sobre seus movimentos de garatujas, será insensato pedir-lhe que tenha domínio sobre outras atividades.

A criança muito pequena poderá achar que o creiom é um objeto mais interessante para observar, cheirar ou até para provar-lhe o gosto. Contudo, a criança de dois anos já não tem, usualmente, esses problemas, e a atividade de garatujar tornou-se, rapidamente, um meio concreto de expressão, um dos primeiros, depois do choro. Todas as crianças começam com rabiscos, mesmo que sejam chinesas ou esquimós, americanas ou européias (Kellogg, 1967). É evidente que garatujar é parte natural do desenvolvimento completo das crianças, a qual reflete sua evolução fisiológica e psicológica.

Garatujas Controladas

Em determinado tempo, à criança descobrirá que existe uma ligação entre seus movimentos e os traços que faz no papel. Isto pode ocorrer, mais ou menos seis meses após ter começado a garatujar. Trata-se de um passo muito importante, pois a criança já descobriu o controle visual sobre os traços que está fazendo. Ainda que uma olhadela não encontre grande diferença nos desenhos, a aquisição do controle sobre os movimentos é uma experiência vital para a criatividade infantil.

A maioria das crianças, nesta fase, aborda as garatujas com grande entusiasmo, pois a coordenação entre seu desenvolvimento visual e motor representa uma conquista muito importante. A fruição dessa nova descoberta estimula a criança a variar seus movimentos. Agora, as linhas podem ser repetidas, como na Figura 39, e, quase sempre, são traçadas com grande vigor. Essas linhas podem ser feitas horizontalmente, verticalmente ou descrevendo círculos (ver Figura 40). É raro encontrarmos pontos ou pequenos modelos repetidos, pois isto significa que a criança teria de levantar o lápis do papel. As crianças podem ficar inteiramente absortas em suas garatujas, como o mostra a menina das Figuras 41, 42 e 43, às vezes, com o nariz praticamente colado ao papel.

A criança ficará, agora, o dobro do tempo entregue aos seus desenhos e, ocasionalmente, tentará cores diferentes no seu trabalho. Também gosta, nesta fase, de encher a folha toda, ao passo que antes tinha até dificuldade em permanecer dentro dos limites da própria página. Ainda experimenta uma variedade de métodos para segurar sua barra de creiom, se bem que, por volta dos três anos, já se aproxima da maneira usual, de segurar o lápis, como o adulto. Compreende, agora, melhor o que significa copiar uma linha ou uma cruz, mas não tomará por referência o modelo que lhe tenha sido dado e, de modo geral, seus traços partem em direções imprevisíveis. Por volta dos três anos, já pode copiar um círculo, mas não ainda um quadrado (Holladay, 1966).

As garatujas tornam-se, então, mais elaboradas e, com freqüência, a criança descobrirá, muito entusiasmada, certas relações entre o que desenhou e alguma coisa em seu meio. Na verdade, pode ainda haver escassa relação entre seu trabalho e a representação visual daquilo a que ela se refere.

Esse controle sobre a garatuja também se reflete no domínio que a criança adquire sobre outras partes de seu ambiente. A mãe que, seis meses antes, não conseguia que o filho abotoasse o casaco, descobre, agora, que ele insiste em fazê-lo sozinho. O menino compreende e desfruta a prática dessa nova aptidão. Como o controle sobre sua capacidade motora é uma importante conquista, podemos certamente entender que chamar a atenção para certos pormenores interessantes do desenho de uma criança não será particularmente benéfico; nessa fase, as intenções infantis não vão além de movimentar o creiom, e o prazer decorre, principalmente, da sensação cinestésica e do seu domínio.

O papel do adulto cresce, agora, de importância, visto que a criança correrá, para ele, com suas garatujas, ansiosa por fazê-lo compartilhar a sua alegria. É essa participação na experiência que tem grande valor, não a garatuja em si.

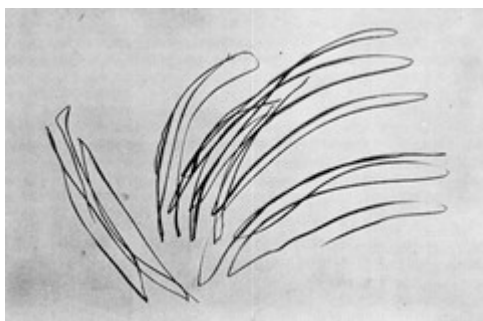


Figura 39. Este é um exemplo de garatuja controlada, feita por uma criança de três anos.

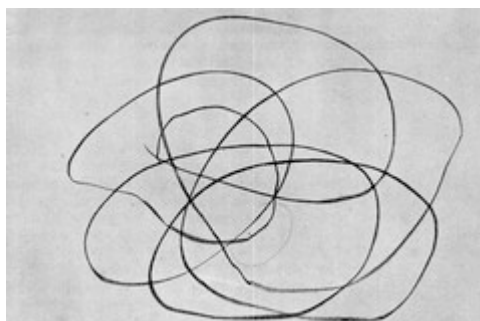


Figura 40. Esta garatuja controlada mostra um repetido modelo circular. Foi feita por uma criança de três anos.



Figuras 41-43. Garatujar é uma atividade séria e significativa para as crianças pequenas. Observar a deliberação e concentração que esta criança emprega neste desenho.

Atribuição de Nomes às Garatujas

Esta nova etapa é de grande interesse no desenvolvimento das crianças. Representa o ponto em que elas começam a dar nome às suas garatujas. Talvez o menino diga: "Esta é mamãe", ou "Este sou eu correndo". Contudo, no desenho, não são reconhecíveis nem ele nem a mãe. Esta atribuição de nomes às garatujas é de grande significado, pois indica uma transformação no pensamento da criança. Antes deste estágio, ela estava satisfeita com os movimentos, mas, agora, passou a ligar esses movimentos com o mundo à sua volta. Transferiu-se do pensamento cinestésico para o pensamento imaginativo. Usualmente, esta fase acontece por volta dos três anos e meio. A importância dessa mudança poderá ser compreendida, se nos lembrarmos de que, como adultos, a maior parte de nosso pensamento se processa em função de imagens mentais. Se tentarmos aprofundar em nossa memória, recuando o mais possível, no tempo, ela não nos transportará além dessa fase de atribuição de nomes às garatujas. Assim, é neste ponto que a criança desenvolve uma base para a retenção visual.

Os desenhos, propriamente ditos, não mudaram muito, desde as garatujas primitivas. Embora a criança possa começar, agora, com alguma idéia sobre o que vai fazer, é também influenciada por aquilo que já fez. Assim, quando faz alguns riscos, no papel, estes podem ter uma preferência visual para ela, a qual, por seu turno, afetará os desenhos. Antes, a criança podia sentir, às vezes, a relação entre o que tinha desenhado e algum objeto; agora desenha com uma intenção.

Embora a criança tenha usualmente chegado à fase de atribuição de nomes às suas garatujas, por volta dos três anos e meio, desfrutará, freqüentemente, o puro movimento físico e, se receber um novo instrumento de desenho, passará tempo considerável ensaiando essa ferramenta, examinando-a por todos os lados, descobrindo as suas possibilidades, de modo muito parecido ao que o adulto também faria nessas circunstâncias. O espaço de tempo que a criança consome, agora, desenhando, aumentará ainda mais, e as garatujas tornam-se muito mais diferenciadas. Poderão estar regularmente distribuídas por toda a página, e os traços serão

acompanhados, às vezes, de uma descrição verbal do que está acontecendo no papel. Tal modo de representar não é dirigido a nenhum adulto em particular; parece, mais freqüentemente, ser uma comunicação com o eu. Nem todas as crianças fazem isso, é claro, mas parece evidente que o desenho se converte, agora, num registro do que elas sentem a respeito de aspectos e partes do seu ambiente; o método ou a forma como desenhavam faz das garatujas um importante meio de comunicação.

Com efeito, nesta fase, a criança anunciará o que vai desenhar ("Eu agora vou fazer um gato") ou, ocasionalmente, o desenho desenvolver-se-á a partir dos primeiros traços de exploração no papel. É evidente que, embora certas partes possam ter uma intenção, quando estão sendo desenhadas, a criança não tem noção preconcebida do aspecto final das suas garatujas. A linha que é traçada no alto da folha pode ser chamada árvore, mas talvez termine recebendo um nome diferente, antes que o desenho esteja concluído. A linha sinuosa pode ser um cachorro correndo ou a própria criança, dando saltos gigantescos. Essas linhas nem sempre são representações visuais, porquanto podem ser também representações da natureza não-visual; as linhas que transmitem suavidade, aspereza, pressa, turbulência, revestem-se de tanto valor quanto a impressão visual de um objeto. O ponto importante é que os rabiscos, os traços que podem parecer destituídos de sentido para os adultos têm, de fato, uma significação real para a criança que os desenha. Alguns dos movimentos circulares e traços longitudinais parecem unir-se para formar uma pessoa, no desenho infantil, mas os adultos não devem tentar descobrir a realidade visual nesse conjunto ou dar-lhe sua própria interpretação. Talvez haja realmente perigo, se os pais ou professores insistirem com a criança para que encontre algum nome ou alguma explicação para o que desenhou. Pelo contrário, os professores e os pais devem mostrar confiança e incentivar essa nova espécie de pensamento.



Figura-44. Desenho de uma criança de quatro anos, a que deu o nome de "Mamãe Vai às Compras". Isto indica que começou a fase de dar nomes às garatujas.



Figura 45. Isto é, obviamente, uma garatuja muito significativa para um menino de quatro anos. Contudo, transmite uma experiência de modo muito diferente da realidade de uma representação adulta.

O SIGNIFICADO DA COR

A experiência de garatujar é, pois, principalmente, uma das atividades motoras. No início, a satisfação deriva da experiência de movimentos cinestésicos; depois, do controle visual das linhas; e, finalmente, da relação entre essas linhas e o mundo exterior. Portanto, a cor desempenha um papel decisivamente secundário na fase das garatujas. Isto é verdadeiro, principalmente nos primeiros dois níveis, quando a criança está estabelecendo sua coordenação motora. Com efeito, selecionar as cores pode, muitas vezes, distrair a criança, desviando-a dos rabiscos para a atividade de jogar com aquelas. É de grande importância que a criança possa distinguir seus traços do resto da página em que trabalha. Portanto, faz-se necessário forte contraste na seleção dos materiais de desenho. O lápis preto sobre papel branco ou o giz branco sobre o quadro-negro devem ser preferidos a outras cores que não ofereçam esse antagonismo.

Somente quando a criança ingressa na etapa de atribuir nomes às garatujas é que manifesta o desejo de usar cores diversas para diferentes significados. Uma das primeiras fases da percepção cromática é fazer distinção entre cores. Isto não indica, em absoluto, que se deva esperar, da criança, que nomeie as cores, mas sim, que se lhe deve dar, nessa fase, a oportunidade de poder realizar alguma seleção de cor.

Já se fizeram várias investigações na tentativa de relacionar a cor e a forma com a personalidade das crianças, na idade do jardim de infância. Um estudo muito conhecido de Aischuler e Hattwick (1947) procurou estabelecer relações entre as pinturas de cerca de cento e cinquenta alunos da escola maternal e algumas de suas características de comportamento. Num relatório de dois volumes, foi corroborada a pressuposição de que, na pintura, esses alunos exprimem suas experiências e seus ajustamentos. As crianças que pintam, sistematicamente, em cores quentes manifestam um livre comportamento emocional, em relações calorosas e ternas; as que preferem o azul tendem a ser mais controladas em sua conduta e as que utilizam o preto são propensas, como um grupo, a manifestar escassez de comportamento emocional. Entretanto, pesquisas mais recentes suscitaram algumas dúvidas sobre essas conclusões. Corcoran (1954) encontrou provas de que as crianças de três anos usam as cores numa seqüência ordenada, quando pintam em cavalete. Deste modo, as cores são usadas da esquerda para* a direita ou da direita para a esquerda, ria paleta, independentemente de quais sejam os matizes. Segundo parece, Aischuler e Hattwick não fizeram o controle quanto à colocação das cores, em seu estudo. Numa tese de doutorado de Biehler (1953), foi igualmente evidenciado que as crianças do jardim de infância propendem a aplicar as cores em relação direta com o lugar que ocupam na paleta. Isto poderia indicar que a pintura, neste nível, é mais atividade mecânica do que emocional. Nessa idade, aparentemente, as garatujas parecem exprimir mais a luta da criança pelo controle visual. A cor, como parte do processo de garatujar, em pintura, é principalmente exploratória, e o uso de determinadas cores pode estar mais estritamente relacionado com a disposição física das colorações do que com os mais profundos problemas emocionais da criança. ..

As mudanças de cor são, às vezes, significativas na fase de atribuição de nomes às garatujas, visto que, neste caso, as cores talvez tenham significado para a criança. O trabalho com as cores e sua exploração ocasional também podem ser encarados pela criança como uma atividade divertida. Contudo, é muito mais importante que, nas fases das garatujas, a criança goze da oportunidade de criar linhas e formas, de desenvolver o domínio da sua coordenação e de começar suas primeiras relações pictóricas com o meio circundante.

AS GARATUJAS COMO PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO

Com crescente atenção focalizada nos primórdios da aprendizagem e um interesse decisivo na necessidade manifesta de desenvolver métodos para trabalhar com crianças pequenas, as experiências infantis, no domínio da arte, adquirem maior significado. Antes dos dezoito meses de idade, a criança expressa-se por meio da voz e do corpo. Já se demonstrou que, mesmo nos primeiros meses de vida, as crianças expostas a um ambiente visual enriquecido desenvolvem-se mais depressa do que as que não dispõem de nenhuma coisa interessante em que possam concentrar sua atenção, como, por exemplo, móveis pendurados sobre seus berços (White, 1964). As crianças que vivem numa atmosfera de esterilidade e privação parecem ficar muito para trás do desenvolvimento normal, em todas as fases do seu crescimento (Bronfen-brenner, 1968). A interação entre a criança e seu meio é o elemento decisivo na aprendizagem. Um ambiente passivo, neutro, estéril, não é o cenário ideal para a evolução infantil.

Os programas para crianças desfavorecidas são, com freqüência, iniciados em tenra idade. Alguns programas experimentais têm-se preocupado com as mães; outros se iniciam, quando a criança chega aos três ou quatro anos de idade, num ambiente de jardim de infância. A alguns deles foi dado o nome de "programas de enriquecimento", nos quais as crianças são expostas a um grande número de atividades que, provavelmente, proporcionarão algumas das bases que os jovens de lares não desfavorecidos desfrutam normalmente. Várias dessas atividades são, essencialmente, artísticas, em que os jovens aprendem pintura, desenho, manipulação de barro e plastilina ou trabalhos com formas bi e tridimensionais. Alguns programas vão ainda mais longe e impõem às crianças situações de aprendizagem (Bereiter e Engelmann, 1966). A teoria subjacente, na maioria desses programas, é essencialmente a mesma — que a interação entre a

criança e seu meio deva ser aumentada, a fim de que esta realmente veja, ouça, cheire, prove e use todos os seus sentidos, para fazer dessa interação um processo significativo.

Um estudo sobre o desenvolvimento do desenho em crianças de idade pré-escolar (Goertz, 1966) apurou que a experiência de trabalhar com materiais artísticos favorece o progresso da criatividade infantil. Provavelmente, a atitude dos pais, em relação ao comportamento do filho que desenha, é indicativa da atitude desses pais para com a própria criança. O interesse pelos desenhos infantis pode demonstrar o verdadeiro interesse em apoiar a evolução da criança em todas as esferas.

Ao pesquisar a atenção de crianças em fase pré-escolar, Helen Bee (1964) supôs que as crianças que não ficavam facilmente distraídas possuíam pais que as deixavam resolver sozinhas seus problemas. Contudo, essa suposição não foi corroborada. O que a autora verificou, de fato, foi que as crianças que se distraíam com facilidade tinham pais que lhes ofereciam soluções prontas, das dúvidas, enquanto as que não se distraíam facilmente tinham pais que só lhes sugeriam o meio para descobrir suas próprias soluções. Deste modo, talvez exista alguma vantagem em interatuar com a criança e ajudá-la a encontrar maneiras de solucionar problemas, em vez de deixá-la sozinha ou supri-la de respostas específicas, que lhe esclareçam todas as dúvidas.

A arte é, em si mesma, um modo constante de resolução de problemas, tanto no nível pré-escolar como em outras idades. Os pais ou professores que ministram a tarefa e a solução podem estar prestando à criança um desserviço tão grande quanto o mestre que se alheia das atividades da aula e fica sentado, enquanto os alunos se empenham em criar por si mesmos. Torna-se, então, necessário que o professor transmita sugestões diversas, aponte alternativas, dê estímulo e faça a criança sentir que seu produto final é digno de apreço.

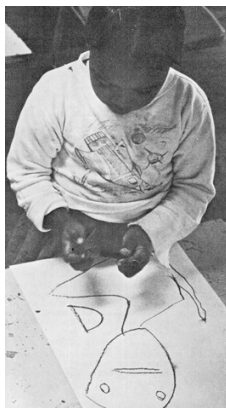


Figura 46. Durante a fase da garatuja, é importante que as crianças tenham oportunidade de desenvolver uma relação pictórica com seu meio, através dos instrumentos de desenho que elas possam controlar.



Figura 47. As crianças divertem-se, freqüentemente, vendo seus próprios movimentos adquirir forma definitiva. Aqui elas pintam, diretamente, com os dedos no tampo da mesa. Por outro lado, a pintura com os dedos pode ser usada, com muito proveito, na escola maternal.

A CRIANÇA QUE GARATUJA E SEU MEIO

Existe uma relação direta entre o modo como a criança aborda as garatujas e como se relaciona com o resto de seu meio. Seus rabiscos com lápis, creiom, tinta ou seu trabalho com barro exibem o mesmo tipo de características que ela demonstra em outras situações. Isto pode ser facilmente observado. As crianças propensas a uma conduta delicada e tímida revelam, geralmente, uma abordagem semelhante aos materiais artísticos. As próprias garatujas reíletem uma personalidade frágil e incerta. A criança que não confia em sua capacidade para adaptar--se a novas situações estará inclinada a garatujar em repetições estereotipadas (ver Figura 48). A falta de confiança pode ser facilmente notada nesses padrões repetidos, que são desenhados uma e outra vez, como medida de segurança. Esta convicção perniciososa pode inibir o crescimento da criança, porque tende a bloquear qualquer desenvolvimento ulterior. Assim, é importante para a evolução emocional da criança que ela seja encorajada a desenvolver conceitos e a compreender as possibilidades das garatujas.

Evidentemente, o artista adulto usa seus sentidos para relacionar-se com o meio circundante e também para transmitir essas reações ao seu ambiente em pinturas e construções. O desenvolvimento do aparelho sensorial é uma necessidade vital para todos os indivíduos. A oportunidade de examinar os materiais comuns do nosso meio propicia uma série de experiências cinestésicas e táteis. Ao incentivar a exploração de várias sensações táteis, o adulto pode estimular a criança para que utilize o barro, somente com o uso exclusivo das pontas dos dedos. Se esta não desfrutar as sensações táteis poderá evitar o contato com diferentes contexturas. Encorajar as crianças a experimentar e conscientizar várias diferenças táteis pode ajudá-las a desenvolver essa área da evolução perceptual. Notar as diferenças entre quente e frio, duro e macio, ou experimentar, simplesmente, as diferenças táteis entre penas de aves e vidro ou entre metal e veludo pode ser uma experiência empolgante.

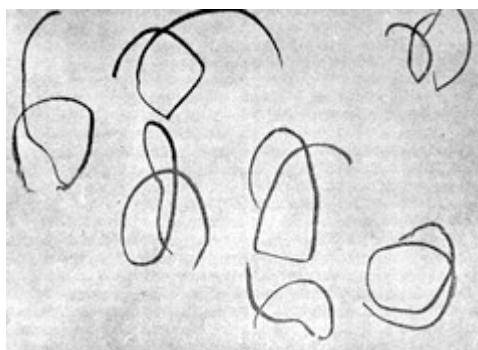


Figura 48. Esta garatuja mostra movimentos estereotipados e repetidos. Isto indica falta de autoconfiança na atividade do desenho.

A garatuja, em si mesma, é, principalmente, uma atividade cinestésica, e a fruição dessa atividade é observada, usualmente, nos vigorosos e amplos movimentos dos desenhos das crianças pequenas. Entretanto, é importante sublinhar que nem todas elas têm que realizar movimentos amplos; forçá-las a que os faça é tão insensato quanto tentar transformar uma criança franzina em robusta. Qualquer imposição cria reações doentias. Proporcionar o estímulo à criança, para que desfrute, livremente, as experiências cinestésicas podem lançar os sólidos alicerces para o desenvolvimento futuro.

As crianças que possuem imaginação criadora garatujam independentemente das influências exteriores. Mesmo estando num grupo, quando rabiscam, raramente fazem perguntas ou olham para o trabalho de seus colegas. Para elas, sua própria criatividade lhes proporciona toda a estimulação necessária. No entanto, há também crianças que constantemente fazem perguntas, indagam como usar os materiais e de que forma as coisas devem ser feitas. Existem, ainda, as que facilmente se deixam influenciar pelo trabalho das outras. Assim, se uma criança começa fazendo movimentos circulares, aquelas logo a imitarão. A falta de confiança e de independência de pensamento é responsável por essas influências fáceis. Estas crianças carecem de convicção em sua própria capacidade criadora e são as que mais necessitam de estímulo à sua criatividade; tornam-se também vítimas fáceis dos livros para colorir e das pessoas que favorecem o uso de modelos.

Quando a criança atribui nomes às suas garatujas, sua originalidade e criatividade ficam, principalmente, em evidência. Desenvolverá seus próprios interesses e não precisará ser motivada. Isto não implica, de modo algum, que a criança talentosa não seja influenciada pelas coisas à sua volta. Por isto, o aluno dotado de capacidade criadora é o que desfruta e obtém prazer de sua própria criatividade, independentemente da contínua aprovação do professor. Como as garatujas são o princípio da expressão criativa, é particularmente importante, nessa época, conferir à criança independência e responsabilidade em seu próprio trabalho. Na realidade, cada criança deveria ser automotivada para expressar-se e sentir satisfação com o processo. É triste, mas verdadeiro, que os projetos planejados para a criança que garatuja cheguem a abalar sua confiança: projetos que desenvolvem a dependência do adulto, projetos demasiado difíceis para que a criança possa executá-los sozinha, projetos concebidos por e para adultos.

AS GARATUJAS COMO REFLEXO DO DESENVOLVIMENTO

O processo do desenvolvimento é contínuo, mas não uniforme. Isto pode ser visto no desenvolvimento físico das crianças. Embora possamos dizer que estas, numa certa idade, tenham a altura média de tantos centímetros, encontraremos grandes diferenças de indivíduo para indivíduo; as súbitas acelerações de crescimento, principalmente durante a adolescência, fazem-nos compreender que esse processo é extremamente irregular. Esta observação é também válida com respeito ao desenvolvimento das crianças pequenas. Já dissemos que a arte exprime as reações do homem ao seu meio; na fase das garatujas, isto é facilmente observado, pois a garatuja pode ser considerada o reflexo do desenvolvimento físico e emocional das crianças. Assim como encontramos grandes diferenças individuais no desenvolvimento, também as observamos nas garatujas infantis.

Os professores devem considerar os rabiscos das crianças como parte da criança total. Existe certo perigo em analisar as garatujas do ponto de vista das interpretações que delas se façam. A beleza que freqüentemente vemos na arte das crianças, em idade pré-escolar, pode ser devida ao fato de que, como adultos, vemos esses traços como uma aproximação livre e desinibida da pintura, enquanto essa beleza pode ter muito pouco que ver com as intenções verdadeiras da criança. Alguns indivíduos vão ainda mais longe nessas interpretações e vêem nos desenhos infantis uma indicação de sentimentos e inibições íntimos. Quando um adulto olha para um borrão de tinta, muitas vezes vê, nesse borrão, certas formas ou figuras que lhes recordam alguns aspectos de sua própria vida. Os adultos também podem olhar para as garatujas infantis dessa mesma maneira e ver nelas certas formas ou figuras, mas isso nada tem que ver com o significado que a criança deu ao seu trabalho. Talvez possamos obter entendimento melhor do adulto, mas pouco nos ajudará a compreender a criança. Os círculos e as linhas verticais devem ser vistos como círculos e linhas verticais e não como criações simbólicas ou como tendo um significado diferente do que são — garatujas.

Em grande parte, as diferenças nos níveis das garatujas refletem mudanças fisiológicas e psicológicas na criança. Em média, deduzimos que as crianças comecem a rabiscar por volta dos dois anos de idade e que continuem a fazê-lo até cerca dos quatro anos. Se existir acentuada divergência, é porque elas estão acima ou abaixo da média para sua idade. Quando uma criança do jardim de infância ainda garatuja, podemos observar que ela está abaixo do nível que corresponde a sua idade. Não se trata da falta de talento mas, sim, da fase do desenvolvimento que é o reflexo da criança total nesse período. Em alguns casos, poderá regredir, se estiver receosa ou insegura de si mesma, isto é, poderá garatujar durante um curto período, mesmo que seu desenvolvimento normal já tenha ultrapassado essa etapa. Entretanto, se virmos uma criança de sete anos, que nunca fez outra coisa senão garatujas, devemos partir do princípio de que sua percepção não está de acordo com o nível normal das crianças de sua idade.

O conceito geral de inteligência usado em nossa sociedade está essencialmente fundado na relação entre o desempenho de uma criança e o de todas as outras da mesma idade. A criança que desempenha tarefas típicas de uma criança mais velha tende a ser considerada mais inteligente. Como as garatujas constituem reflexos da evolução total da criança, teremos aí uma indicação do desenvolvimento intelectual infantil, sobretudo num momento em que os testes usuais de inteligência do tipo grupai não são aplicáveis. Portanto, uma criança do jardim de infância, que ainda esteja na fase das garatujas, não será capaz de um desempenho no nível que

usualmente se espera das crianças do jardim de infância. A mesma criança, quando passar para a primeira série primária, não poderá aprender a ler. É óbvio que a compreensão das garatujas nos ajudará a compreender as crianças.



Figura 49. As crianças da escola maternal desfrutam, com prazer, a oportunidade de garatujar, obtendo muita satisfação nessa atividade.

MOTIVAÇÃO ARTÍSTICA

Geralmente, nas primeiras fases das garatujas, nenhuma motivação especial é necessária, exceto a de proporcionar à criança os materiais adequados e incentivá-la a que prossiga em sua atividade. A maioria das crianças cobrirá, animadamente, duas ou três folhas de papel com garatujas. Não se pode esperar que a criança muito pequena continue nessa atividade mais do que alguns minutos. A de três anos poderá chegar aos quinze minutos; a de quatro, se tiver atingido a fase de atribuir nomes às garatujas ou se introduziu novo material em seus trabalhos, poderá continuar interessada nessa atividade, durante vinte ou trinta minutos. Contudo, nenhum relógio deverá marcar o tempo que a criança deve consumir, expressando-se no papel.

Nunca se deve interferir na atividade de garatujar. Às vezes, a professora da escola maternal observará uma criança pintando um quadro que, acidentalmente, poderá ser muito parecido com uma obra de arte moderna. Sente, então, grande vontade de deter a criança, nesse ponto, para "salvar o quadro". Mas a criança não compreenderá essa interrupção imposta às suas garatujas, pois é ela própria que decide, quando o trabalho está concluído. Já mencionamos o efeito inibidor de tentar ver nas garatujas alguma representação, pois isso poderá interromper a evolução normal das atividades motoras infantis, numa época em que a criança está desenvolvendo o controle visual de seus movimentos.

Por outro lado, há crianças que parecem ter receio de garatujar. Compete aos pais ou ao professor, sem dúvida, encorajá-las nessa importante atividade do desenvolvimento. Existem muitas razões para essa hesitação em se dedicarem a um trabalho criador, desde terem recebido um "Não" dos pais, quando começaram a rabiscar, em algum momento passado, até um problema de ansiedade ou medo, de raízes mais profundas, numa determinada situação. É importante o estabelecimento da confiança mútua e, às vezes, torna-se necessário converter a experiência artística numa atividade tentadora. Dar à criança uma bola de barro ou plastilina, facilmente modelável, do tamanho de uma laranja, poderá ser bom começo; "Está fria? Podes espreme-la? Vamos ver até onde consegues esticá-la. Podes enfiar nela os dedos? És capaz, de alisá-la? Quantas bolinhas achas que podes fazer com ela?" Uma vez que a criança se deixe entusiasmar com a bola de barro, outros meios de expressão aparecem mais facilmente, à medida que se

desenvolve sua confiança. O giz de cor ou uma nova caneta do tipo "hidrográfica" são suficientes para torná-la interessada em desenhar. Após a motivação inicial, a maioria das crianças iniciará as garatujas com grande alegria.

Quando a criança passar a dar nomes aos seus rabiscos, teremos, como já foi observado, um indício definido para analisar seu pensamento. Esta nova orientação, a afinidade das suas garatujas com o meio circundante, deve ser estimulada. Não estamos falando do progresso dos trabalhos, nesta fase, visto que os próprios desenhos não parecem muito diferentes das garatujas feitas antes. Podemos, entretanto, estimular o pensamento da criança no sentido já referido. Por exemplo, quando ela diz "Isto é papai", é possível estimular uma conscientização maior de seu pai. "Teu papai é alto? Tem os pés muito grandes? Ele te levanta nos braços? Faz-te cócegas com a barba? Gostas muito de teu papai?" Neste caso, a finalidade é incentivar o pensamento imaginativo. Ficaremos perfeitamente satisfeitos com os movimentos que a criança esteja fazendo no papel, embora os traços não sejam reconhecíveis para os adultos; algumas linhas poderão representar a sensação de ser içada nos braços, ou a textura da barba, ou simbolizar até a sensação de estar sendo colocada no colo. É importante abranger muitos sentidos. Se a criança diz que está fazendo compras, podem-se estimular coisas tais como cheiros, sons, seu envolvimento pessoal, seu papel na experiência de fazer compras, seu gosto e sua aversão por essa atividade; tudo isto pode ser incluído na estimulação. Mas a criança também deve ter completa liberdade de ignorar esses comentários e satisfazer-se, simplesmente, com a relação entre suas garatujas e seu pensamento imaginativo.

Durante as primeiras fases dos rabiscos, nenhuma motivação especial é necessária, ao passo que qualquer tópico que a criança sugira, durante a última etapa das garatujas, é adequado para ampliar seu processo mental. O mais importante, em todos os períodos, é a compreensão e o incentivo do adulto.

MATERIAIS ARTÍSTICOS

Qualquer material artístico usado pelas crianças deve ajustar-se às suas necessidades. Como a criança, durante a fase das garatujas, precisa sentir, precisa experimentar sensações cinestésicas, os materiais usados devem estimular a livre expressão, sem introduzir dificuldades técnicas. A aquarela, por exemplo, é um veículo muito pobre, nessa idade, porque as cores tendem a escorrer e misturar-se com muita facilidade. A criança é incapaz de manter o controle de seus movimentos ou de seguir atentamente os movimentos no papel e, portanto, fica desanimada com esse material. O tipo usual de lápis tampouco é apropriado para a criança que garatuja, porque a ponta aguçada não desliza, com facilidade, na superfície do papel e, é claro, quebra com demasiada frequência.

Numerosos materiais artísticos se prestam às necessidades infantis, na fase das garatujas. O creiom preto, de bom tamanho e sem invólucro, é um meio excelente e fácil de se obter. O giz branco, para o quadro-negro, ou canetas "hidrográficas", de ponta de feltro ou de nylon, com carga de tinta preta, também são excelentes materiais. Qualquer material artístico deve facilitar a expressão, em vez de constituir um obstáculo, pois nessa etapa, a necessidade de controlar os movimentos cinestésicos assume suprema importância.

Por causa da impressão que alguns adultos têm das garatujas, observamos, algumas vezes, que jornais velhos, que o verso de amostras de papel de parede ou retalhos de papel de embrulho são empregados para que as crianças façam os seus trabalhos. Se bem que esses materiais possam ocupar um lugar legítimo no programa artístico, em níveis diferentes do desenvolvimento infantil, estão inteiramente deslocados no jardim de infância ou na escola maternal. Desenhar uma linha escura numa página impressa de jornal é demasiado confuso; as costas do papel de parede são muito ásperas e impedem o deslizar fácil do creiom; também o papel de embrulho não proporciona bom contraste com o instrumento de desenho. O papel branco ou de cor clara, num formato de 30 X 50 cm, é o melhor para o creiom; uma medida maior, de 45 X 60 cm, mais ou menos, torna-se mais adequada para o trabalho em pintura.



Figura 50. A pintura a têmpera deve ser uma mistura espessa, para que a criança possa controlá-la, se estiver pintando num cavalete. Vemos aqui um processo importante de pintar, empregando os dois punhos.

A têmpera ou a tinta de cartazes podem ser usadas com vantagem (ver Figura 50). A tinta deve ser misturada de modo a conservar uma consistência razoável, para que não pingue no papel ou escorra. A oportunidade de usar tinta pode satisfazer algumas das necessidades emocionais da criança que garatuja, melhor do que o creiom. O resultado é a alegria óbvia na exploração de uma gama de cores. É preferível uma superfície plana para ser realizado o trabalho infantil, visto que assim se reduz, ao mínimo, o problema de a tinta escorrer e se facilita á criança poder trabalhar em quaisquer lados do papel em que ela se coloque. Contudo, nas situações em que o espaço é mínimo, torna-se mais adequado usar um cavalete ou mesmo prender o papel na pa rede, em vez de negar à criança a experiência de pintar. O papel absorvente de boas dimensões, os pincéis de cerda de três quartos de polegada, com um punho não muito comprido, e certa variedade de tinta de têmpera, em mistura espessa, proporcionam á criança uma oportunidade maravilhosa de descarga emocional e uma experiência verdadeiramente artística.

O barro ou a plastilina também são excelentes materiais para esta idade (ver Figura 51). A manipulação do material tridimensional proporciona á criança o ensejo de usar os dedos e os músculos de modo diferente. Bater e amassar o barro, sem nenhum propósito visível, é a fase paralela as garatujas desordenadas. A formação de roscas e bolas, sem tentar a representação de objeto específico, corresponde às garatujas controladas. De repente, a criança pega num pedaço de barro e, talvez com acompanhamento ruidoso, chama-o avião, ou dirá: "Isto é um automóvel." Psicologicamente, trata-se da mesma transformação no processo mental que descrevemos na parte "A Atribuição de Nomes às Garatujas". Também, neste caso, a criança transferiu-se do pensamento cinestésico para o pensamento imaginativo. O barro não deve ser tão duro que a criança tenha dificuldade para trabalhar com ele nem tão brando que se lhe cole nos dedos. O barro ou a plastilina de consistência apropriada podem conservar-se por tempo indefinido numa bolsa de plástico. Como a criança, na fase das garatujas, não tem bom controle sobre seus pequenos músculos, a bola de barro com que ela trabalha deve ser suficientemente grande para poder ser agarrada com ambas as mãos. O tamanho mais apropriado será, provavelmente, de uma laranja de boas proporções. Como a criança está explorando e manipulando o material de forma cinestésica, não é necessário deixar o barro endurecer ou mesmo cozer esses produtos.

É muito importante dar às crianças a oportunidade de conscientizar a cor e a textura, mediante a manipulação de vários materiais de colagem (ver Figura 52). Embora seja interessante para a criança escolher alguns materiais de que mais goste e, depois, ordená-los numa espécie de montagem, o uso contínuo dos materiais de colagem pode interferir no desenvolvimento das experiências motoras e visuais. Entretanto, usar, de modo ocasional, esses materiais é certamente aconselhável para a criança na fase das garatujas.



LAMINA 3. "Estou Brincando no Meio das Folhas" é uma representação típica de "cabeçudo", desenhada por uma criança do jardim de infância. Este desenho inclui tão-só o conhecimento ativo de um homem, por parte da criança. Seu crescente controle físico distinguiria esta pintura de outra feita por uma criança mais nova e bem dotada, embora os conceitos pudessem ser semelhantes. Notar que as folhas foram coloridas com tanta veemência que as mãos e os pés também ficaram pintados.

Em algumas escolas maternas e certos jardins de infância, um dos materiais favoritos é a tinta que se aplica com os dedos. Há sólidas razões para duvidar das desvantagens do uso desse meio com as crianças na fase das garatujas. Assim como hesitaríamos em entregar à criancinha um creiom, para que o manejasse e usasse a seu bel-prazer, quando sua maior satisfação seria chupá-lo ou arranhá-lo, também vacilaríamos em permitir à criança, na fase das garatujas, que pintasse com os dedos, pois seria atraída, principalmente, pela consistência pegajosa do material. Se pensarmos que a finalidade principal dos materiais artísticos é facultar à criança o ensejo de expressar-se, então, o uso incorreto dos materiais poderá interferir na atividade para a qual a pintura com os dedos foi originalmente planejada. Em vez de aperfeiçoar o controle sobre as atividades musculares, a criança talvez seja atraída pela consistência pastosa do material. Também existem provas, através de experimentos e observações diretas, de que a criança pequena pode, às vezes, regredir a uma fase anterior do comportamento. A pintura com os dedos, por causa da própria consistência da tinta, poderá recordar às crianças essas fases anteriores e, por conseguinte, retardar temporariamente seu desenvolvimento. Notamos, facilmente, este efeito, quando observamos as crianças. Se elas se mostrarem mais interessadas na consistência pegajosa da tinta ou em besuntá-la por toda a parte, do que em usá-la como meio de expressão, nesse caso, não estarão usando a pintura com os dedos para satisfazer o desejo de controlar seus movimentos cinestésicos. Entretanto, para as crianças tensas, medrosas, tímidas, a pintura com os dedos pode proporcionar uma importante descarga emocional, mesmo quando usada de tal maneira. Não há lugar, no programa de arte, para aquelas atividades que não tenham algum significado para a criança que garatuja. Ocasionalmente, na escola maternal ou no jardim de infância, as professoras poderão programar certos trabalhos artísticos como colar, recortar, dobrar etc.; essas atividades têm por objetivo um determinado produto final, como cestinhas para a Festa da Primavera, corações para o Dia das Mães, silhuetas de Papai Noel para o Dia de Natal e outros símbolos semelhantes. Tais criações são inteiramente destituídas de valor e jamais deveriam ser incluídas num programa destinado às crianças, na fase das garatujas, pois apenas serviriam para sublinhar a incapacidade da criança em realizá-las, dado que se situam em nível estranho à sua compreensão e às suas aptidões. Às vezes, os professores têm interesse em descobrir atividades novas e originais para as crianças. Qualquer material novo deve ser cuidadosamente examinado, para assegurar que seu emprego pode favorecer, de fato, o desenvolvimento natural infantil. Não se pode obstruir a oportunidade de a criança adquirir o controle do seu material; pelo contrário, este deve favorecer a própria expressão criadora infantil.

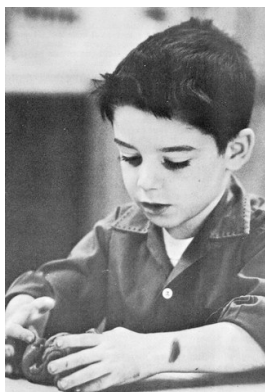


Figura 51. O barro é material importante, visto que dá ensejo à manipulação do material tridimensional, que pode ser amassado, esticado, espremido e socado.



Figura 52. A criança adora explorar uma caixa de materiais de várias cores e texturas. Escolher pedaços de sucata, cortá-los e fazer sua colagem numa folha de cartolina proporciona a oportunidade de comparar e selecionar.

RESUMO DAS CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO NA FASE DAS GARATUJAS

Para cabal compreensão da criança, é de grande interesse que as garatujas sejam reconhecidas como parte do padrão total do desenvolvimento. Durante esta fase, a criança transmitirá seu desenvolvimento intelectual e emocional em seus trabalhos criadores. Dedicar-se-á, com muito entusiasmo, aos seus rabiscos e ainda será suficientemente flexível para mudar seus movimentos sempre que novas experiências exigirem essa mudança. Desfrutará também seu desenvolvimento cinestésico, através das suas garatujas, e irá adquirindo, gradualmente, o controle visual sobre esses desenhos. Do ponto de vista da capacidade criativa, ficará independente, livre de influências perturbadoras.

A criança pequena explorará livremente seu meio, por intermédio dos sentidos, e algumas das experiências sensoriais manifestar-se-ão em suas garatujas, quando começar a atribuir-lhes nomes. Os próprios desenhos terão uma variedade saudável, desde a série de rabiscos feitos ao acaso, por volta dos dois anos de idade, os quais, uns seis meses depois, se convertem em movimentos contínuos ou controlados, até se tornarem mais complicados, quando a criança começa a dar nomes àquilo que desenha. Ao trabalhar com tintas, essas etapas desenrolam-se, paralelamente, ao trabalho com creiom, e a criança sentirá especial prazer no uso das cores, quando começar a atribuir nomes às suas garatujas. Também sentirá grande entusiasmo no trabalho com materiais tridimensionais.

Este período da vida é extremamente importante para o desenvolvimento de atitudes sobre o próprio eu e para o estabelecimento da noção de que o mundo é um lugar empolgante e aprazível para se viver. O papel que desempenham o professor e os pais torna-se muito valioso para ajudar a criança a desenvolver essas atitudes. A professora do jardim de infância está numa posição excelente para propiciar a oportunidade de a criança progredir, por meio das suas experiências artísticas, para ajudá-la a desenvolver a confiança e a sensibilidade imprescindíveis à auto-expressão e para proporcionar-lhe toda a gama de materiais e a atmosfera favorável às atividades criativas. É sumamente importante facilitar a estimulação e a motivação necessárias ao desenvolvimento de uma crescente conscientização do meio, assim como o incentivo e a aprovação dos atos criadores. Todas estas responsabilidades recaem, indiscutivelmente, sobre os ombros dos pais e professores.



LAMINA 4. "Estou numa Tempestade de Relâmpagos", pintada por uma criança de seis anos. O emprego da cor é completamente subjetivo; as cores são usadas de acordo com seu valor estético ou emocional, sem nenhuma tentativa de naturalismo.

EXERCÍCIOS

1. Reunir exemplos de trabalhos artísticos de um grupo de crianças do jardim de infância ou pré-primário. Observar a variedade de expressão. Tentar classificar as garatujas desordenadas, controladas e com atribuição de nomes. Comparar os desenhos, levando em conta o uso do espaço, o controle do traço, a audácia ou timidez dos movimentos.
2. Reunir as garatujas de uma criança, durante um período de vários meses. Datar cada desenho e anotar quaisquer comentários que a criança tenha feito, enquanto desenhava. Ter um caderno para registrar observações sobre o tempo da atenção infantil, sobre materiais usados, montante de concentração ou distração, movimentos e técnicas usadas e as reações emocionais da criança. Comparar essas anotações com a coordenação motora da criança, quando come, quando se veste etc. Extrair conclusões das três fontes de informação (as garatujas, as anotações e o comportamento) sobre o desenvolvimento da criança, durante esse período.
3. Verificar a eficácia da motivação, durante o período de dar nomes às garatujas, comparando uma garatuja feita, quando a criança ficou completamente só, em seu trabalho, com outra, quando aquela foi motivada na orientação de seu pensamento.
4. Observar as crianças que trabalham com barro ou plastilina. Ver se aquelas que modelam formas ou figuras também atribuem nomes às suas criações. Como se relaciona isso, às garatujas dessas mesmas crianças?
5. Observar, várias vezes, as crianças que pintam em cavalete. Fazer uma lista da quantidade de tinta que usam e examinar a ordem por que utilizam as tintas de várias cores. Mudar o sistema de colocação das tintas, na paleta, e ver se houve alguma variação no processo como as crianças usam as tintas. Experimentar, cada semana, duas ou três consistências diferentes de tinta. Repetir isto várias semanas, para ver se as crianças fazem quaisquer comentários ou se existe qualquer relação entre a consistência da tinta e o tempo que as crianças dedicam à pintura.
6. Quando a criança começa a dar nomes às suas garatujas, introduz algumas linhas ou certos movimentos especiais para determinados objetos ou novas experiências? Reunir garatujas e anotar as mudanças nelas verificadas, quando começa a atribuição de nomes. Observar o desenvolvimento de uma forma humana.

BIBLIOGRAFIA

- **LOWENFELD, Viktor - BRITTAIN. W. Lambert. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. Editora Mestre Jou. São Paulo.**